A LINGUAGEM AUDIOVISUAL DO BRÔ MC'S: UMA PROPOSTA DE USO DIDÁTICO NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Rodrigo Mesquita
Doutor em Letras e Linguística. Professor adjunto no Centro de Comunicação, Letras e Artes (CCLA) da Universidade Federal de Roraima e pesquisador associado do Núcleo Histórico Socioambiental (NUHSA).
(rodrigomesquitago@hotmail.com)

Linguagem audiovisual; Guarani e Kaiowá; uso didático; Brô Mc's

Resumo: A linguagem audiovisual utilizada no clipe da música Eju Orendive, do grupo de rap Brô Mc's, demonstra, como destaca este estudo, elementos de resistência e luta dos jovens indígenas Guarani e Kaiowá no contexto de uma realidade marcada pela violência, discriminação e opressão diante a sociedade dominante. Numa perspectiva intercultural, apresenta-se uma proposta de utilização didática da manifestação artístico-cultural, voltada para educação indígena. Espera-se que a proposta, que se apresenta como um tema contextualizado, possa servir como ferramenta para o diálogo crítico no sentido do fortalecimento e valorização das culturas indígenas em detrimento de um padrão linguístico-cultural impositivo de um modelo único de práticas linguísticas no Brasil.

THE AUDIO-VISUAL LANGUAGE OF BRÔ MC'S: A PROPOSITION OF PRATIC ACTIVITY IN THE INTERCULTURAL PERSPECTIVE

Audio-visual language; Guarani e Kaiowa; Pratic activity; Brô Mc's

Abstract: The audio-visual language used in the video clip for the music Eju Orendive, from the rap group Brô Mc's shows, as displayed in this study, elements of resistance and fight of young indigenous Guarani and Kaiowá in the context of a reality marked by violence, discrimination and oppression from a dominant society. In a intercultural perspective, is authoritative showed a proposition of didactic use for the cultural manifestation to the indigenous education. We intend that the proposition, that is showed as a contextualized theme, can serve as a tool to the critic dialogue in the way of the strengthen and valorization of the indigenous cultures in detriment of a impositive linguistic-cultural pattern of a single model of linguistic practices in Brasil.

Envio: 03/06/2018 ◆ Aceite: 30/07/2018

Introdução

O grupo de rap Brô Mc's é formado por quatro jovens indígenas Guarani e Kaiowá – Bruno "New", Charles, Clemerson e Kelvin – que, através da música e com a utilização de recursos e linguagem audiovisuais, tem como objetivo mostrar a atual situação sociocultural constituída por um processo historicamente marcado por dominação, opressão e violência. Tal realidade, ocultada por um projeto colonial, ganha visibilidade na produção audiovisual realizada na Reserva Indígena de Dourados, no estado do Mato Grosso do Sul, mais especificamente na aldeia Jaguapiru. Os Kaiowá são falantes de uma variedade da língua Guarani que, no Brasil, conforme Rodrigues (1986), ao lado dos Ñandeva e dos Mbya, compõem a família linguística Tupi-Guarani, filiada ao tronco linguístico Tupi.

A região onde se concentra os aproximadamente 50 mil indivíduos da etnia Guarani e Kaiowá está na porção sul do Mato Grosso do Sul, caracterizada pela vegetação nativa de cerrado e que gradativamente vai cedendo espaço para as lavouras de cana-de-açúcar. No corte dessa matéria prima utilizada nas usinas de produção de etanol, os indígenas são muitas vezes expostos ao trabalho em condições precárias e, em alguns casos, análogas à escravidão. Em Mesquita (no prelo), trabalho complementar ao que se apresenta, retomamos, com base em Cavalcante (2013) e em notícias, documentários e outras produções audiovisuais (p. ex., BACCAERT; MUNOZ; NAVARRO, 2011), um breve histórico da luta pela terra traçada pelos Guarani e Kaiowá. Tal luta é marcada por conflitos diversos com assimetria de poderes, resultando em genocídio, suicídio, problemas com drogas, violência urbana e comunidades deslocadas de seus territórios ancestrais, reclusas às ínfimas reservas indígenas ou acampamentos à margem das estradas.

Pensando nessa realidade e nas motivações dos artistas Kaiowá, apresentamos uma possibilidade de uso didático do clipe musical do rap Eju Orendive (BRÔ MC'S, 2010) numa perspectiva intercultural e voltado para a formação superior indígena. Para tanto, consideramos a proposta de Nascimento (2014) quanto ao uso de gêneros artísticos em contextos interculturais, assim como de outros(as) autores(as) que vêm aplicando a perspectiva intercultural na educação indígena (PIMENTEL DA SILVA, 2010; COTRIM, 2011; REZENDE, 2015, entre outros).

A perspectiva intercultural

No Brasil, as práticas educacionais que se sobrepuseram ao longo da história não contemplaram os contextos socioculturais e muito menos respeitaram as epistemologias e modos próprios de transmissão do conhecimento. As questões levantadas atualmente sobre o ensino de língua portuguesa como língua não materna em salas de aula, portanto campos sociolinguisticamente complexos – entendidos aqui como campos de lutas entre forças e diferenças sociais estabelecidas historicamente (Bakhtin, 1995) – refletem inquietações sobre a necessidade de uma prática educacional mais responsável linguística e culturalmente. Tais inquietações, por sua vez, são reflexos de um processo histórico marcado por políticas linguísticas e educacionais integracionistas e assimilacionistas em favor de um projeto colonial monolinguista e monoculturalista de nação e de sociedade no Brasil, responsável pela obsolescência de muitas línguas e culturas e pelo deslocamento de várias outras.

Neste sentido, o recente amparo legal aos direitos dos povos indígenas (proporcionado principalmente pelas mudanças de perspectivas na Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996) proporcionou um movimento em favor de ações de valorização, afirmação, fortalecimento e (re)vitalização das línguas e culturas autóctones.

Entre estas ações, destaca-se a implementação de novas propostas e rumos para a educação escolar indígena pautada em um campo aberto para a implementação de políticas linguísticas e educacionais em uma perspectiva decolonial e intercultural, ou seja, promotora da convivência dialógica e democrática entre diferentes saberes e diferentes práticas de construção e apropriação desses saberes (Rezende, 2015).

É nesse contexto que começam a ser implantados, no seio das universidades públicas brasileiras, programas de formação superior de professores/as indígenas visando à habilitação para o exercício do magistério intercultural nas escolas indígenas. O documento norteador – Referencial para a Formação de Professores Indígenas (RFPI-MEC, 2002) – reconhece que uma proposta de escola indígena bilíngue e intercultural só seria possível se

os próprios indígenas, por meio de suas respectivas comunidades, estivessem à frente do processo como professores e gestores da prática escolar, promovendo, portanto, a autonomia, autodeterminação e auto-representação necessárias.

Em relação, especificamente, ao ensino de língua portuguesa, Nascimento (2012), ao refletir sobre sua própria prática enquanto professor responsável pelas aulas de Português Intercultural no âmbito da Licenciatura Intercultural da UFG (implantada em 2007), reconhece que há uma "aparente situação paradoxal de propor bases para uma educação linguística culturalmente responsável abordando práticas comunicativas em uma língua alçada ao status hegemônico" (op. cit., p.20). O autor argumenta que um dos primeiros desafios em favor de uma educação linguística em campos socioculturalmente complexos é justamente desmantelar a ideologia herdada sócio-hitoricamente segundo a qual as línguas indígenas foram/são consideradas inferiores ao português.

Essa ideologia, aliás, dependendo das configurações do contato, pode ser responsável por suscitar conflitos diglóssicos (Hamel, 1988) e consequentes atitudes negativas dos próprios povos indígenas em relação às suas línguas, resultando muitas vezes no deslocamento de usos ou mesmo no abandono gradativo das línguas em detrimento do avanço da língua hegemônica. Por outro lado, se as atitudes são positivas, a mesma ferramenta que exclui e minoriza, ou seja, a linguagem, pode emancipar e abrir caminhos para a participação política nas interações sociais de forma mais igualitária e democrática. Esses (possíveis) movimentos são exatamente o que Bourdieu (1998) chamou de atos de magia social, isto é, a utilização da linguagem para excluir/segregar ou dar existência intercultural a povos e línguas historicamente minorizados.

A língua portuguesa, concebida como língua de contato, tem sido apontada por diversos estudos recentes (PIMENTEL DA SILVA, 2010; NASCIMENTO, 2012; REZENDE, 2015) como importante meio de comunicação intercultural pelos povos indígenas brasileiros, seja com a sociedade não indígena ou com povos de outras etnias. As configurações sociolinguísticas são, portanto, diversas e não menos complexas. Dessa forma, as autoras e autor citado/as chamam a atenção quanto à necessidade de entendimento desses cenários sociolinguisticamente complexos para que sejam diagnosticadas as condições de funcionamento e os domínios sociais (ROMAINE, 1995) nos quais a língua é utilizada pela

comunidade e, o que é também fundamental, que as propostas de ensino intercultural de língua portuguesa atendam aos anseios e necessidades das comunidades indígenas quanto às práticas comunicativas nestes contextos específicos de uso.

Proposta de utilização didática numa perspectiva intercultural

Abaixo, a capa do disco lançado em 2009 e a letra da música Eju Orendive (NASCIMENTO, 2014), com a tradução apresentada na legenda do clipe (BRÔ MC'S, 2010):

Figura 1- Capa do primeiro disco lançado pelo Brô MC's

Fonte: Brô Mc's (2009)

Eju orendive	Venha com nós
A-pyxe **rap** ndopái	Aqui o meu rap não acabou
A-pyxe **rap** onhepyrũ	Aqui o meu rap está apenas começando
Ajapo **por amor**	Eu faço por amor
Ahendu **faz favor**	Escute, faz favor
Oime Nhandejárapo-peraimejuka	Está na mão do senhor; não estou para matar
Xe ajerure Nhandejára	Sempre peço a Deus
Omohendyhagwãnde rape há xe rape	Que ilumine o seu caminho e o meu caminho
Ndaikwaáimba'epaohasa	Não sei o que se passa na sua cabeça

Neakã-pe **o grau da sua maldade** ndaikeaái	O grau da sua maldade
Mba'epaere**pensa**	Não sei o que você pensa
Povo contra povo fundukatúiremopu'ãndeakã	Povo contra povo, não pode se matar levante sua cabeça
Ndenerasẽrõndaivaíry	Se você chorar não é uma vergonha
Nhandejára aveakwehaseoinupãjaveíxupe	Jesus também chorou quando ele apanhou
Xe agwãhẽa**hima Rap** guarani ha kaiwá	Chego e rimo o rap guarani e kaiowa
Ndendokatúieremanha	Você não consegue me olhar
Eremanharõxe-rehemba'evenderehexái	E se me olha não consegue me ver
A-pe **rap** guarani ogwahẽpehenduhagwã	Aqui é o rap guarani que está chegando pra revolucionar
Áraete ore ra'arõ	O tempo nos espera e estamos chegando
Entonce eju orendive	Por isso venha com nós
Entonce ejuxendive	

Refrão (2x):

Xe rohenói eju orendive	Nós te chamamos pra revolucionar
Venha com nós, nessa levada	
Xe rohenói eju orendive	Nós te chamamos pra revolucionar
Aldeia unida, mostra a cara	

Janharandekwérajagwata	Vamos todos nós no rolê
Janharandekwérajavy'a	Vamos todos nós, índios festejar
Jahajaxukakarai-pe	Vamos mostrar para os brancos
Xe haha'eome'ẽjeikoporã	Que não há diferença e podemos ser iguais
Nderehasarõxeypy-reheremanhavaíryxe-rehe	Aquele boy passou por mim me olhando diferente
Há ko'ángaxeaimeko'a-pe axuka	Agora eu mostro pra você que sou capaz, e eu estou aqui
Mba'epa ore ro**hepresenta**	Mostrando para você o que a gente representa
Ha ko'ánga	Agora estamos aqui
A-peroiamea-peavatýraoreko o**sonha**hagwã	Porque aqui tem índios sonhadores
Ko'ángaaporandunde-ve:	Agora te pergunto, rapaz
Mba'e-gwipanhandejajuka há nhamano	Por que nós matamos e morremos?
Upéaáry ore roporahéiava ha avaojejuka ramo	Em cima desse fato a gente canta Índio e índio se matando
Umikaraikwéraopukanhande-rehe	Os brancos dando risada
Umia **causa** xeaimeko'a-pero**defende**hagwã	Por isso estou aqui pra defender meu povo represento cada um
Upéaeju orendive	E por isso, meu povo, venha com nós

Refrão (4x):

Xe rohenói eju orendive	Nós te chamamos pra revolucionar
Venha com nós, nessa levada	
Xe rohenói eju orendive	Nós te chamamos pra revolucionar
Aldeia unida, mostra a cara	

Fonte: Nascimento (2014) Fonte: Brô Mc's (2010)

Conforme Mesquita (no prelo), os trechos em que há maior alternância com o português são os que se direcionam mais direta ou indiretamente aos não indígenas (não falantes, portanto, da língua guarani), no sentido de ampliar o alcance de suas mensagens – como também apontou Nascimento (2014), em relação ao trabalho mais amplo do Brô Mc's.

A utilização das duas línguas demonstra, ainda, a intenção de "mostrar a cara" da aldeia, de expor uma realidade marcada por identidades étnicas em estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998), transitando interculturalmente para pedir atenção, denunciar e convocar para uma "revolução", ou seja, a busca por soluções quanto à dominação e opressão sofridas historicamente e que se desenham em conflitos atuais não menos violentos e opressores. Mesquita (no prelo) cita exemplos na letra do rap Eju Orendive em que alternância entre as línguas funciona como estratégia discursiva (GUMPERZ, 1982) para direcionar, incluir ou segregar interlocutores.

Devidamente contextualizado, o material audiovisual analisado pode, portanto, constituir um material produtivo como ferramenta didática. A proposta consiste no tratamento do audiovisual e suas linguagens como um tema contextual para o levantamento de algumas questões e delas suscitar reflexões por parte dos estudantes e/ou professores(as) indígenas nos programas de formação superior indígenas e suas licenciaturas interculturais. É importante que o professor ou professora assuma uma postura de mediador(a), no sentido de incentivar o surgimento de posicionamento críticos e que façam aparecer outros exemplos que valorizem a experiência e contextos de atuação dos discentes indígenas. Propomos, então, algumas perguntas e consequentes reflexões possíveis:

- Quem são os autores do rap?
- Em que condições e com que recursos o vídeo foi produzido?
- Qual é a temática do rap?
- A identidade indígena pode ser reconhecida no vídeo? Como?
- Como o rap indígena pode ser relacionado com essa identidade? Ele pode contribuir de alguma forma?
- Alguma coisa chamou a atenção no vídeo? Caso sim, o quê?

As questões acima, trabalhadas em sala de aula, podem tornar possível a compreensão e reflexão sobre o contexto de produção da obra e sobre a identidade indígena. A linguagem audiovisual do clipe do Brô MC's coloca foco na existência intercultural, mescla elementos interculturalmente e faz oscilar o fluxo que (re)constrói suas identidades pessoais e étnico-culturais. De forma multimodal, as linguagens verbais (línguas guarani e portuguesa) e não verbais (imagens da aldeia, dos jovens, a forma como se apresentam, o estilo musical, os movimentos aos quais se filiam etc.) possuem representações simbólicas complexas e pedem atenção para denunciar uma realidade, pedir trégua a um conflito de forças assimétricas e convocar união entre sua comunidade. Em análise sobre a identidade indígena no clipe de Eju Orendive, observamos (MESQUITA, no prelo, p. 12) que

> a linguagem audiovisual utilizada pelo Brô Mc's e divulgada pelos meios digitais pode ser entendida [...] como uma vitrine para o mundo de uma identidade em fluxo – a dos jovens Guarani e Kaiowá –, que transita interculturalmente para lutar e resistir em um contexto de dominação e opressão historicamente situado em uma pequena porção do cerrado brasileiro.

As questões seguintes, formuladas a partir de trechos da música, podem suscitar diálogos sobre os usos e atitudes linguísticas relacionados com as motivações extralinguísticas do contexto sociocultural marcado pela assimetria.

- No trecho "Neakã-pe o o grau da sua maldade ndaikwaái, mba'epaerepensa" (o grau da sua maldade, não sei o que você pensa), a quem o autor do rap pode estar se referindo? Qual a possível motivação para o uso do português nesse trecho?

Figura 2– Brô Mc’s em cena do clipe Eju Orendive

Fonte: Brô Mc’s (2009)

- No trecho que diz “povo contra povo, fundukatúiremopu’ãndeakã (povo contra povo, não pode se matar)”, qual a possível motivação para essa frase? Que povos seriam esses?

Figura 3– Brô Mc’s em cena do clipe Eju Orendive

Fonte: Brô Mc’s (2009)

A apropriação, valorização e ampliação das práticas orais (características fundamentais da transmissão do conhecimento tradicional indígena) aliadas à

apropriação/ampliação das práticas escritas (incluindo as formas não alfabéticas, como grafismos variados e pinturas corporais presentes nas culturas indígenas) e da leitura auxiliam para atender aos anseios das comunidades quanto à familiarização de usos e gêneros cotidianos, tais como relatos de experiências, textos de opinião, narrativas a partir da experiência e das memórias individuais e comunitárias ou, ainda, de outros gêneros mais especializados (ou formais) como, por exemplo, gêneros textuais acadêmicos ou argumentativos em favor de direitos indígenas. O gênero "clipe musical" analisado permite, enquanto manifestação artística, compreender/refletir sobre os recursos de linguagem utilizados no audiovisual, além de discutir as relações entre a língua indígena e a língua portuguesa, entre fala e escrita e sobre a utilização do português como estratégia de enfretamento político e sobrevivência. Em outro exemplo de atividade prática, isso também poderia ser possível:

- Observe o refrão:

"Xe rohenói eju orendive (nós te chamamos pra revolucionar, por isso) Venha com nós nessa levada Xe rohenói eju orendive (nós te chamamos pra revolucionar, por isso) aldeia unida, mostra a cara."

- Qual o(s) possível(is) motivo(s) para a alternância entre a língua indígena e o português no refrão e em outros trechos?

- Essa alternância pode contribuir para o fortalecimento das línguas indígenas?

Observa-se na letra original que são utilizadas as línguas guarani e portuguesa. O que se entende geralmente por mescla ou mistura de línguas, na sociolinguística ou, mais especificamente, nos estudos de línguas em contato, são fenômenos decorrentes do bi-multilinguismo e apresentam distinções que podem ter relações com fatores intra e/ou extralinguísticos. Entre esses fenômenos, dois podem percebidos no texto: empréstimos linguísticos e code-switching. Há longa discussão na literatura pertinente sobre a distinção entre esses e outros fenômenos. Não é nosso foco fazê-lo aqui. Para os nossos propósitos, é suficiente entender que em um deles, o code-switching, o falante bilíngue, por motivos diversos, alterna entre os dois (ou mais) códigos, de modo que as línguas envolvidas tendem

a respeitar as suas estruturas morfossintáticas próprias ou há o encaixamento de trechos de uma língua na estrutura da outra.

Ajapo **por amor** 'Eu faço por amor'
Ahendu **faz favor** 'Escute, faz favor'

Nesse trecho da música onde o Brô Mc's se anuncia e pede atenção, a sentença se inicia em Guarani e alterna para o português. A construção respeita as estruturas internas de ambas as línguas e parece haver maior consciência dessa estratégia do que outros trechos em que as ocorrências de palavras do português podem ser mais despropositadas:

Mba'epaere**pensa** 'Não sei o que você pensa'
Mba'epa ore ro**hepresenta** 'Mostrando para você o que a gente representa'
A-peroiamea-peavatýraoreko o**sonha**hagwã 'Porque aqui tem índios sonhadores'
Xe agwãhẽa**hima Rap** guarani ha kaiwá 'Chego e rimo o rap guarani e kaiowa'

Nos exemplos, todas as inserções do português em negrito estão fonética e morfossintaticamente adaptadas à estrutura do Guarani. São prováveis empréstimos do português para a língua indígena, adotados durante o longo período de contato dos Kaiowá com a sociedade não indígena e, consequentemente, entre as línguas.

Faz-se importante ressaltar que os vários critérios utilizados para distinção entre empréstimos linguísticos consolidados em uma língua e os casos em que itens lexicais são alternados ou utilizados em eventos isolados apresentam lacunas. Uma análise diacrônica poderia confirmar ou não as hipóteses. Rajagopalan (2016), a partir de vários exemplos de usos linguísticos no chamado mundo globalizado, argumenta que muitas vezes as pessoas não se dão conta de que estão misturando línguas. Como alguns termos podem ter sido emprestados há um tempo considerável, é provável que já tenham atravessado algumas gerações, sendo assim seu uso constantemente atualizado pela comunidade, sem que sejam percebidos como empréstimos ou elementos estrangeiros.

O desenvolvimento e ampliação da reflexão sociolinguística a partir de fenômenos linguísticos característicos da produção oral e escrita na língua não materna pode abrir, como nessa proposta, caminho para a reflexão sobre as relações entre as línguas indígenas e a língua portuguesa no Brasil. Igualmente, a metalinguagem e ampliação

vocabular podem ser implementadas a partir dos fenômenos linguísticos abordados, partindo dos textos e contextos abordados, por exemplo:

- Qual o sentido da palavra “levada” no refrão? Qual(is) palavra(s) poderia(m) ser utilizada(s) no mesmo contexto ?

- E quanto à expressão “venha com nós” (tradução e legenda) ou “venha com nóis” (cantado oralmente)? Há outras construções possíveis? Quais os possíveis motivos para a variação?

Figura 4– Brô Mc’s em cena do clipe Eju Orendive

Fonte: Brô Mc’s (2009)

A última questão pode propiciar, ainda, uma reflexão sobre o *continuum* oralidade-escrita se levado em consideração as características da linguagem audiovisual em questão: há uma letra escrita, cantada, traduzida, relacionada aos sujeitos, identidades, imagens, representações e simbologias que reflete usos linguísticos contextualmente situados. As práticas de ensino numa perspectiva intercultural devem, assim, provocar a percepção da relação língua-cultura-atitudes sociais dos falantes. Outras possibilidades de abordagem e uso didático do videoclipe do Brô MCS seriam:

Após assistirem o videoclipe e observarem sua legendagem:

- reflitam sobre funções comunicativas e gêneros textuais, considerando os diferentes graus de formalidade, próprios das práticas linguísticas orais e escritas, e como estas diferenças se materializam discursivamente e nas estruturas das línguas;

- elaborem um texto escrito, fazendo relação entre o contexto abordado no RAP e a sua própria realidade sociocultural e política.

O trabalho com temas contextuais possibilita a abordagem de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2010) que se tornam salientes nas diversas situações de uso da língua portuguesa pelos indígenas. Dessa forma, são as características sociocomunicativas dos gêneros textuais o fio condutor das diversas dimensões da interação verbal e de uma ampliação dos repertórios linguísticos dos alunos(as) e/ou professores(as) indígenas. Conforme Nascimento (2012), a experiência junto aos/às docentes indígenas na Licenciatura Intercultural da UFG atesta a relevância (através do respaldo dos próprios indígenas) do enfoque de quatro dimensões da linguagem nas aulas de Português Intercultural: a leitura, a escrita, a oralidade e a reflexão (sócio) linguística. Na proposta apresentada, todas essas dimensões são alcançadas.

Ainda quanto ao exemplo da UFG, Nascimento (2012) argumenta que todas essas são reivindicações dos próprios professores e professoras indígenas, porém alerta para o fato de que esses talvez não sejam os mesmos anseios de outras comunidades indígenas em outras regiões do território nacional. De qualquer forma, as concepções, princípios e objetivos podem ser extensíveis a outros contextos, cabendo, portanto, uma adaptação às diferentes realidades sociolinguísticas e sempre repensados à medida que essas configurações sociolinguísticas se reestruturam num fluxo contínuo.

Considerações finais

A proposta de uso didático com a linguagem audiovisual do clipe do Brô MC's se dá, numa perspectiva intercultural, através de um tema contextualizado e como manifestação adaptada a uma luta que é, ao mesmo tempo, histórica e recente e que pode

se relacionar com outras realidades e, assim, refletido criticamente. Com isso, acreditamos que é possível observar, refletir e praticar, conforme Freire (1992), a práxis, ou seja, a ação e reflexão para libertação dos povos.

De uma forma geral, empoderados/as de todas essas reflexões, espera-se que os/as professores/as indígenas possam conduzir autonomamente a educação escolar em suas comunidades, reavivar e/ou implementar suas epistemologias, promover o diálogo crítico e, assim, fortalecer suas culturas com práticas comunicativas originárias e interculturais, no sentido de ganhar força para não se tornarem reféns de políticas colonizadoras e homogeinizantes a serviço de um padrão linguístico-cultural que historicamente impôs (e impõe) um modelo único de falar e escrever no Brasil.

Referências

BACCAERT, An; MUÑOZ, Nicolas; NAVARRO, Cristiano. *À sombra de um delírio verde.* Argentina, Bélgica, Brasil. Documentário. 29 min., 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c2_JXcD97DI>. Acesso em 21 de mar. de 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem* – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hicitec, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. Tradução Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 71-80

BRÔ MC'S. *Eju Orendive*. Dourados: Central Única das Favelas – Cufa MS. Clipe oficial legendado, 2010. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=oLbhGYfDmQg>. Acesso em 23 de jan. de 2016.

BRÔ MC'S. *Brô Mc's*. Dourados. CD demo, 2009. Disponível em <http://www.comunidaderapdownload.com/2012/01/bro-mcs.html>. Acesso em 23 de jan. de 2016.

CAVALCANTE, Thiago L. V. *Colonialismo, território e territorialidade*: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul. Tese (doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2013.

COTRIM, R. G. P. M. *Romwaihku Akwẽ-Xerente, Português, English*: Diálogo Intercultural no Ensino-Aprendizagem do Inglês (L3) para professores indígenas. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HAMEL, Rainer Enrique. La política del lenguaje y el conflicto interétnico – Problemas de investigación sociolinguística. In: ORLANDI, Eni (Ed.). *Política Linguística na América Latina*. Campinas, Pontes, 1988. p. 41-74.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.

MESQUITA, Rodrigo. Xe rohenói eju orendive aldeia unida mostra a cara: língua(gem), identidade e resistência no cerrado através de recursos audiovisuais. *Anais do II SINASEC*. No prelo.

NASCIMENTO, André Marques do. *Português Intercultural*: Fundamentos para a educação linguística de professores e professoras indígenas em formação superior específica numa perspectiva intercultural. Tese (doutorado em Letras e Linguística). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2012.

_____. *Português intercultural VII*: linguagem e arte em contextos interculturais. Goiânia: Gráfica UFG, 2014.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. Reflexão político-pedagógica sobre educação bilíngue intercultural. In: MENDES ROCHA, L.; PIMENTEL DA SILVA, M. S.; BORGES, M. V. (orgs.). *Cidadania, interculturalidade e formação de docentes indígenas*. Goiânia: Ed. da PUC-GO, 2010, p. 11-17.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.) *Língua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998, p. 21-45.

_____. *A questão de língua no mundo globalizado*. Aula inaugural de Estudos Linguísticos proferida em 29 de abril de 2016. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 2016.

REZENDE, Tânia Ferreira. Ensino intercultural de português para indígenas. Em: BARROS, Déborah Magalhães de; SILVA, Kleber Aparecido; GALVÃO, Vânia Casseb. (Orgs.). *O ensino em quatro atos*: interculturalidade, tecnologia de informação, leitura e gramática. Campinas-SP: Pontes, 2015, pp. 79-129.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras*: Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism.* 2ª Ed. Oxford: Blackwell, 1995.